

**OS DESAFIOS EPISTEMOLÓGICOS DO PESQUISADOR NA
CONSTRUÇÃO DA CIÊNCIA: UMA ANÁLISE DA OBRA *INDIGNAÇÃO***

THE EPISTEMOLOGICAL CHALLENGES OF THE RESEARCHER IN THE
CONSTRUCTION OF SCIENCE: AN ANALYSIS OF THE WORK
INDIGNAÇÃO

WELINGTON JUNIOR JORGE – Docente do Centro Universitário Uningá (UNINGÁ).

LETICIA TONIETE IZEPPE BISCONCIM – Docente do Centro Universitário Uningá (UNINGÁ).

TAYZA CRISTINA NOGUEIRA ROSSINI - Docente do Centro Universitário de Maringá (UNICESUMAR)

Rua São João 81 ap. 401, zona 07. Maringá Pr. CEP: 87030-200; Brasil.

E-mail: prof.welingtonjorge@uninga.edu.br

RESUMO

O presente artigo objetivou traçar os obstáculos pelos quais os cientistas passam ao procurarem respostas a fim de compreenderem a ciência. Para tanto, foi realizada uma analogia entre os conceitos de Obstáculos Epistemológicos conferidos por Gaston Bachelard e a obra *Indignação* de Philip Roth. Por meio dessa comparação, buscou-se considerar a perspectiva do pesquisador, mostrando quais os caminhos e dificuldades pelas quais perpassa o indivíduo que produz ciência. Nesse sentido, a analogia será feita comparando os conceitos teóricos e a história trazida na obra *Indignação*, para assim, no diálogo entre obras de naturezas diferentes, buscarmos semelhanças no que diz respeito ao comportamento do pesquisador na construção na ciência e como ambos vão evoluindo no decorrer das experiências e contato com o novo, considerando os procedimentos metodológicos da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Obstáculo Epistemológico. Obra *Indignação*. Pesquisador. Ciência.

ABSTRACT

The present article aimed to outline the obstacles that scientists face in seeking answers in order to understand science. For that, an analogy was made between the concepts of Epistemological Obstacles conferred by Gaston Bachelard and the work *Indignation* of Philip Roth. By means of this comparison, we sought to consider the researcher's perspective, showing the paths and difficulties through which the scientist produces. In this sense, the analogy will be made comparing the theoretical concepts and the history brought in the work *Indignation*, so in the dialogue between works of different natures, to seek similarities with respect to the behavior of the researcher in the construction in science and how both are evolving in the from the experiences and contact with the new one, considering the methodological procedures of the research.

KEY-WORDS: Epistemological Obstacle. Work Indignation. Researcher. Science.

INTRODUÇÃO

O francês Gaston Bachelard foi um estudioso da filosofia e poeta que se dedicou principalmente a questões referentes à ciência. Considerando especialmente as ciências exatas, o autor pondera ser necessário superar ou transpor uma série de obstáculos epistemológicos, ou seja, entraves à aprendizagem, a fim de que haja a construção do conhecimento científico. Nesse artigo, portanto, inicialmente, buscou-se conhecer as ideias de Bachelard (2006) no que dizem respeito ao avanço do conhecimento científico. De modo geral, depreende-se que esses obstáculos são uma espécie de *contrapensamento* que pode originar-se no ato da constituição do conhecimento ou numa fase a ele posterior. Poder-se-ia entender como uma forma de resistência do próprio pensamento ao pensamento, como consideram Rodrigues e Grubba (2012).

Gaston Bachelard (2006) descreve como a formação do espírito científico e do pesquisador passam por vários entraves ou impecilhos à aprendizagem. Todavia, o progresso do pensamento científico se fez graças à superação de tais obstáculos e à prática de atos epistemológicos. Em busca de respostas para aquilo que estuda, o cientista deve fugir das aparências prévias, pois aquilo que por vezes se revela pode ser um engano. Dessa maneira, o conhecimento científico é também a superação contínua e necessária dos erros que podem ser cometidos pelo caminho da pesquisa, passando assim por um processo de ruptura entre o conhecimento comum e o conhecimento científico.

O artigo pretende trazer alguns conceitos desse filósofo francês acerca dos obstáculos epistemológicos enfrentados na construção da ciência em similitude com a obra de Philip Roth, "Indignação". Nessa analogia procuramos identificar as trajetórias do jovem Marcus Messner, enquanto personagem da obra e do pesquisador a procura de uma resposta para suas indagações científicas e existenciais.

Indignação, de Philip Roth, retrata como o jovem Marcus Messner, objetivava construir sua vida e quais os caminhos que desejava trilhar. Por meio da leitura do texto, observa-se que com muita dificuldade, Messner passa por vários desafios assim que chega na universidade e, por mais que se considerasse um jovem prudente, seus conhecimentos prévios tornaram-se obstáculos e dificultaram sua relação com o outro. A trama mostra Marcus ainda jovem quando ajudava seu pai no açougue. O pai, muito rígido, controlava os horários, não aceitando atrasos. Essa cobrança persiste o menino até sua ida à Universidade. Marcus se afasta do pai por não aguentar mais esse comportamento e busca novos caminhos, saindo de sua casa e indo para a Universidade de Winesburg.

Assim, os conceitos de obstáculos epistemológicos descritos por Bachelard (2006) e os desafios vividos por Marcus Messner na Universidade são paralelamente colocados, a fim de que se possa discutir e refletir sobre os desafios vivenciados pelo pesquisador em seu trabalho.

OBSTÁCULOS EPISTEMOLÓGICOS NA CONSTRUÇÃO DA CIÊNCIA-PESQUISADOR

O filósofo francês Gaston Bachelard nasceu na França em 27 de junho de 1884 e morreu em Paris 1962. Foi um grande pensador do século XX. Ingressou na Academia das Ciências Morais e Políticas da França. Aos 78 anos, Bachelard morre, deixando um legado filosófico que serve de referencial para mostrar como se faz necessário passar por vários estágios até chegar à produção científica.

[...] Bachelard propõe-se a descrever a formação do espírito científico. Partindo da percepção ingênua do fenômeno, um espírito pré-científico – que perdurou ainda até o século XVIII – necessitou superar uma série de obstáculos epistemológicos para atingir um estágio científico. O progresso do pensamento científico se fez graças à transposição de tais obstáculos e à prática de atos epistemológicos (CARDOSO, 1985, p. 19).

Segundo Bachelard (2006), todo pesquisador traz consigo sua visão de mundo e ou conhecimento prévio, isso faz com que certas resistências ao conhecimento científico sejam encaradas como obstáculo na produção. Segundo Cardoso (1985), os obstáculos epistemológicos perpassam por várias etapas. O pesquisador para atingir o estágio científico necessita passar por uma complexidade de fenômenos, para que, assim, sua pesquisa tenha fundamentos pré-estabelecidos. Dentre essas passagens as principais são: *Primeira Experiência* que está relacionada ao primeiro contato que o pesquisador tem sobre o objeto; *Conhecimento Geral* quando o cientista não se pode levar pelo geral, tendo em vista que os fenômenos mudam a todo tempo, não cabendo generalizações; *Obstáculo Verbal* consistindo em explicações curtas e sucintas para explicar ou justificar algo, pois um pesquisador não pode ter uma pobreza de linguagem; *Conhecimento Unitário e Pragmático* considerando que o pesquisador não poderá explicar os caminhos de uma única forma; *Obstáculo Substancialista* que refere-se às impressões artificiais; *Realismo* quando a substância de um objeto é aceita como um bem pessoal e intransferível; *Animismo* ao atribuir vida humana para explicar fenômenos. Para ele “[...] a ciência não produz uma verdade, seja ela a verdade dos fatos ou das faculdade do conhecimento. Não existem, portanto, critérios universais ou exteriores para julgar a verdade de uma ciência” (LOPES, 2007, p. 34).

Todo pesquisador entra em conflito consigo mesmo, já que para enfrentar seu drama, forças desconhecidas no seu interior deverão ser superadas e até mesmo descobertas. Verdades únicas futuramente serão superadas, por exemplo, suas raízes culturais causam obstáculos para novas perspectivas e análises, afinal, “cada ciência produz sua verdade e organiza os critérios de análise da veracidade de um conhecimento, sendo que a lógica da verdade atual da ciência não é a lógica da verdade de sempre. As verdades são sempre provisórias” (LOPES, 2007, p. 34).

No ato de conhecer, buscar pelo novo e desconhecido, o pesquisador contará com um conhecimento, ideias de sua subjetividade e anteriores ao processo de pesquisa. Por isso é preciso superar o que no seu próprio espírito se forma como obstáculo para seguir adiante na construção do novo conhecimento. O pesquisador não obtém um conhecimento sem uma pergunta

formulada, não se deve levar pelas aparências iniciais ou possíveis respostas. O pesquisador precisa “[...]ultrapassar as aparências, pois o aparente é sempre fonte de enganos, de erros, e o conhecimento científico se estrutura por intermédio da superação desses erros” em um constante romper do que antes era conhecido (LOPES, 2007, p. 40).

Segundo Lopes,

[...] os obstáculos epistemológicos nunca são definitivamente superados, uma vez que o espírito científico sempre se apresenta com seus conhecimentos anteriores; nunca é uma tabula rasa. Amalgamados aos conhecimentos estão os preconceitos, as imagens familiares, a certeza das primeiras ideias. (LOPES, 2007, p. 48).

A autora explica que os obstáculos epistemológicos nunca serão superados totalmente, já que o espírito científico sempre se apresenta com seus conhecimentos anteriores. Não podemos pretender que o pesquisador dê início a suas atividades como uma tábula rasa, sem um conhecimento prévio, afinal, todo o conhecimento traz consigo conceitos de suas vivências culturais e sociais.

Os estudos de Bachelard, remetem-nos a um processo de ruptura entre o conhecimento científico e comum, dando legitimidade científica, o que pode ser provado através de um método. Não se trata de dar como certo um conhecimento ou outro, afinal, sua obra procura romper com respostas imediatas e conclusões pré-fabricadas. E, nesse processo, as mudanças ocorrem quando se admite o erro, pois para o autor, não se deve encarar o erro como fracasso, já que a ciência está em constante transformação na busca conhecimentos sobre a realidade.

Se o erro possui uma função positiva na gênese do saber, cabe pensar sobre a necessidade de os estudos errarem no processo de ensino-aprendizagem. É possível deixar de ser encarado como o oposto do conhecimento verdadeiro, na medida em que ele é constitutivo do processo de construção do conhecimento. (LOPES, 2007, p. 53).

Para impulsionar a ciência a novas conquistas, Bachelard (2006) buscou definir critérios de demarcação do conhecimento científico e do conhecimento comum. Para ele, a diferença entre ambos concentra-se na busca do progresso por parte do saber o científico com aspectos mais reflexivos e o saber comum como pensamento sem um método formal. Os obstáculos epistemológicos podem não permitir avanços na ciência, fazendo necessário um método de trabalho, testes, experiências, erros, para que assim possa chegar a um resultado parcial, porém satisfatório.

Desse modo, pode-se afirmar que a ciência se faz com base em erros e acertos e depende da superação dos obstáculos epistemológicos tanto da própria ciência quanto do pesquisador. A seguir, procuramos identificar a presença desses obstáculos na trajetória de Marcus Messner, relatada por Roth, assinalando as repercussões trágicas na vida do personagem.

INDIGNAÇÃO E OS DESAFIOS DE MARCUS MESSNER

A obra *Indignação* de Philip Roth retrata a trajetória do jovem Marcus Messner, filho de açougueiros. Kosher, um judeu em conflito com sua religiosidade: “Eu objetava não por ser um judeu praticante, mas por ser um ateu ardoroso” (ROTH, 2009, p.42). Marcus considerava-se um bom filho já que sempre tirava boas notas e demonstrava-se prudente em suas ações. Seu pai com perfil sistemático, inflexível, não respeitava a opinião dos que lhe rodeavam e, certa vez, questionou Marcus sobre onde ele tinha ido, pois não havia retornado no horário estabelecido. Ambos entraram em uma discussão:

[...]desde os tempos do ginásio, eu era um estudante prudente, responsável, diligente, cioso, com notas excepcionais, que só saía com as moças mais bem-comportadas; além disso, era um debatedor dedicado e um jogador de beisebol capaz de ocupar várias posições em torno das bases, aceitando de bom grado as normas de conduta aplicadas aos adolescentes da vizinhança e do colégio. (ROTH, 2009, p. 6).

Porém, neste momento, o jovem não percebe que acabara se tornando parecido com seu pai, carregando a mesma intolerância e impaciência em ouvir o outro e chegar a um acordo. Ao chegar à Universidade se depara com outra realidade e tem que dividir o quarto com mais três pessoas. Por ser um jovem dedicado aos estudos teve sua paciência abalada em pouco tempo. Com os colegas de quarto a paciência durou poucos dias “depois de chegar ao campus, comecei a procurar no dormitório alguém com uma cama vazia no quarto que me aceitasse como companheiro (ROTH, 2009, p.15). Assim, mudou-se de quarto e logo encontrou outro jovem também muito dedicado aos estudos e de pouca conversa, “fui ser o companheiro de um quartanista de engenharia. Elwyn Ayers Jr. era um sujeito forte, lacônico e sem dúvida não judeu que estudava para valer [...]” (ROTH, 2009, p.18).

Entre idas e vindas das aulas Marcus conhece uma garota chamada Olivia Hutton e a convida para sair, por fim acaba se apaixonando loucamente, ficando encantado por ser sua primeira experiência sexual. O jovem Messner e seu parceiro de quarto não conversavam muito, ambos estavam dedicados aos estudos, até que o jovem Elwyn, entre as poucas conversas que tinha com Marcus, ofendeu a garota pela qual estava apaixonado, sem procurar saber de quem Olivia se tratava. Messner optou por sair do quarto isolando-se em um quarto em que ninguém habitava e cujas condições eram precárias:

Fiquei com raiva por ele ter chamado a Olivia de puta e decidi imediatamente que arranjaría outro quarto e outro companheiro. Levei uma semana para encontrar uma vaga no último andar do Neil Hall, o mais velho edifício-dormitório do campus (ROTH, 2009, p. 38).

Preocupado com a mudança contínua de quartos, o Diretor Caudwell, chama Marcus para conversar e saber o que estava acontecendo de errado e como poderiam resolver isso juntos, porém a conversa acaba tomando novos rumos. O que era de início uma conversa social acaba travando uma discussão sobre religião. Durante a conversa, o jovem Messner dizia não concordar com os padrões da Universidade ao ter que participar das aulas de religião. A conversa entre os dois vão longe, até que Marcus sente uma náusea e regurgita na sala do diretor, causando um desconforto.

Indignação mostra os vários conflitos com os quais Marcus Messner se

depara na Universidade, desde o distanciamento de seu pai, intolerância com os amigos de quarto, um amor platônico que dura pouco, afinal Olivia Huston não passava de uma garota com problemas mentais. Sua opção por não seguir nenhuma religião ou por não fazer parte de nenhuma fraternidade trouxe para o jovem um afastamento de tudo aquilo que ele não tolerava. Messner tinha muita dificuldade em dialogar com o “outro” e com indivíduos ou grupos que não compartilhavam das mesmas ideias que as suas. De tudo aquilo que era diferente e lhe causava estranhamento buscava se afastar. Não concordando com o ambiente universitário, o jovem apelou para insultos ao diretor, acarretando assim sua expulsão. Assim, o que o jovem Messner mais temia acabou ocorrendo, foi expulso da universidade e transferido para um campo de guerra onde tornou-se mais uma vítima.

A RELAÇÃO ENTRE AS OBRAS

Como explicou Bachelard (2006), todo pesquisador traz consigo uma gama de informações e obstáculos epistemológicos que perpassam todo o seu processo de pesquisa. São conhecimentos prévios que podem vir a se tornar obstáculos para a aprendizagem e a construção de novos conhecimentos.

A partir dessas considerações podemos compreender a obra de Philip Roth e o percurso do jovem Marcus Messner. Ele vê a universidade como uma forma de liberdade e busca do novo, porém, não foi isso que demonstrava ao entrar em contato com pessoas e situações diferentes das já conhecidas. Talvez isso possa ter acontecido porque o que o jovem buscava era de sair de casa e não ter que escutar as desconfianças de seu pai, então ele vê uma oportunidade que é ir para Winesburg. O grande obstáculo do jovem Messner era a dificuldade de se adaptar onde estava, não compreendia seu pai, não compreendia seus companheiros de quarto, o diretor, Olívia, as regras da Universidade, não gostava das fraternidades, de modo que a todo momento ele estava em fuga. O jovem vê como alternativa escapar dos preceitos que ele não concordava, a todo momento o livro apresenta esta fuga, apresentando mais dificuldade em encará-las, assim:

Para me livrar de meu pai, eu escolhera uma universidade que ficava a quinze horas de carro de New Jersey, difícil de alcançar de ônibus e trem e distante uns oitenta quilômetros do aeroporto comercial mais próximo — mas sem levar em consideração as crenças que, de forma rotineira, eram inculcadas em todos os jovens no interior dos Estados Unidos. (ROTH, 2009, p.42).

O pai de Marcus, o açougueiro Kosher, tinha muito agrado pelo seu filho, era motivo de orgulho, afinal era o primeiro Messner a entrar em uma Universidade. Por outro lado, seu pai não gostava da ideia de seu filho ficar longe de seus cuidados, o seu maior obstáculo era generalizar a suas experiências e acreditava que o filho estando longe, acabaria se perdendo no mundo e, conseqüentemente, ele perderia seu filho, porém o jovem Marcus Messner tinha outros anseios:

Estava ansioso para me tornar adulto, um adulto educado, maduro e independente, exatamente aquilo que vinha causando terror em meu pai, que, mesmo quando me trancava do lado de fora como punição por eu ter começado a gozar as prerrogativas mais ínfimas da vida de

um jovem adulto, sentia imenso orgulho de minha devoção aos estudos e de meu status único na família como universitário. (ROTH, 2009, p.12).

Considera-se que para o jovem Messner enquanto pesquisador é difícil saber lidar com os obstáculos os quais enquanto seres humanos mesmos nos propomos em razão de nossos valores e preconceitos. Por mais que nossa cultura esteja enraizada, é preciso agir com maior racionalidade e não deixar seduzir-se pelos resultados da pesquisa. Pode-se dizer, [...] ser preciso ultrapassar as aparências, pois o aparente é sempre fonte de enganos, de erros. Além disso, é importante considerar que o conhecimento científico se estrutura por intermédio da superação desses erros, em um constante processo de ruptura com o que se pensava conhecido (LOPES, 2007).

Tanto nas atividades do pesquisador como de Marcus Messner os obstáculos epistemológicos se manifestam decisivamente. Enfrentar esses obstáculos é um grande passo para se aprender e construir novos conhecimentos. Nas constantes mudanças de quarto, por exemplo, em nenhum momento Marcus questionou onde estava o verdadeiro problema. Resta-nos a indagação se eram os outros que tinham problemas ou se ele mesmo não queria aceitar as condições dos novos companheiros. Sobre a Universidade, seu pai, seu amor, ele próprio dizia que “[...] não compreendia Elwyn, não compreendia Flusser, não compreendia seu pai, não compreendia Olivia — não compreendia ninguém nem nada” (ROTH, 2009, p. 39).

Em sua trajetória acadêmica, Marcus acabou passando por vários obstáculos, mas em seu caso, acabou por não enfrentá-los. Esse era o caso de seu conflito religioso, pois embora vindo de família judia, confessava ser um ateu ardoroso.

Eu era fortemente contrário a tudo que se referia a esses serviços, a começar pelo local. Não achava justo ter de me sentar contra a vontade numa igreja cristã e ouvir, durante quarenta e cinco ou cinquenta minutos, o doutor Donehower ou qualquer outra pessoa fazer um sermão a fim de que eu pudesse ser diplomado por uma instituição secular. Eu objetava não por ser um judeu praticante, mas por ser um ateu ardoroso. (ROTH, 2009, p.42).

Como no caso de Marcus, os preceitos religiosos não devem ser um obstáculo no andamento de uma pesquisa. O pesquisador precisa buscar uma resposta para aquilo que pesquisa, de forma que seu método de busca seja o mais isento possível desses valores. Mas, não é preciso abandonar os valores religiosos como fez Marcus:

Não acredito em Deus e não acredito em preces. Como debatedor no ginásio, fiquei conhecido pela capacidade de martelar até o fim meus argumentos — e foi o que fiz naquela hora. “Sou amparado pelo que é real e não pelo que é imaginário. A oração, para mim, é algo absurdo. (ROTH, 2009, p.48).

Consideramos que a coexistência de saberes é fundamental para o próprio desenvolvimento do pesquisador e da pesquisa, pois os saberes interagem e se alimentam mutuamente, eles coexistem.

Contudo, tolerância não é uma palavra bem aceita por Marcus, segundo

suas falas com o diretor "A tolerância parece ser um problema para você, meu jovem." (ROTH, 2009, p. 50). Messner nunca tinha pensado neste questionamento, para ele tudo parecia estar nos conformes, "Nunca me disseram isso antes, doutor Caudwell", retruquei no justo instante em que cantava para dentro a linda palavra "in-dig-na-ção!" (ROTH, 2009, p. 50). Desde o início da obra, o autor marca a trajetória de Marcus e sua fuga para a guerra, porém essa fuga era de todos aqueles que questionavam suas atitudes e não pensavam como ele. Em nenhum momento ele estava aberto a coisas novas, para ele a sua forma de pensar e agir era única e absoluta, não estava aberto ao diálogo, criando assim um grande obstáculo em uma vida e passagem acadêmica.

Logo mais adiante, o diretor volta a questionar Marcus "[...] você tolera as crenças de qualquer um quando vão de encontro às suas?" (ROTH, 2009, p. 54). Como forma de fuga e por não conseguir sustentar suas ideias nas quais sempre acreditou cegamente, prefere o afastamento, para não ter que lidar com as situações. Um dos grandes obstáculos do jovem é não saber lidar com o outro e com as diferenças daí decorrentes. Quando não aguenta mais, prefere fugir, até que o diretor questiona sua posição: "É claro que pode ir. É assim que lida com todas as suas dificuldades, Marcus, você vai embora. Nunca se deu conta disso?" (ROTH, 2009, p. 56).

Em nossa perspectiva, o mesmo pode vir a acontecer com o pesquisador que não pode abandonar a pesquisa ao se sentir-se oprimido por seus obstáculos epistemológicos. Não pode abandonar seu trabalho frente aquilo que é diferente, considerando que dificuldades todo pesquisador terá a todo momento. De fato os obstáculos epistemológicos nunca serão superados, o espírito científico sempre trará consigo outros conceitos. O pesquisador sempre deve estar aberto a novas ideias, tecnologias e até mesmo a sua própria cultura, não pode deixar-se levar às primeiras impressões e até mesmo generalizar todos os fatos, pois a construção da ciência é contínua e a todo momento estarão aparecendo coisas novas e o que hoje é inútil e sem serventia, um dia poderá ter algum significado.

CONCLUSÃO

A obra de Philip Roth trata das dificuldades e desafios que um jovem pode passar na Universidade. O distanciamento de sua família faz com que o jovem Marcus Messner tenha a oportunidade de se tornar um adulto espetacular, assim como a fuga da guerra que o leva a dedicar-se aos estudos arduamente. Porém, acaba entrando em contato com obstáculos epistemológicos que o impedem de conviver com os colegas e professores.

Analogamente, o pesquisador também entra em contato com esse tipo de obstáculo que são conhecimentos prévios ou um conjunto de ideias que já possui. São várias as situações com as quais o pesquisador se depara, pois todo cientista tem uma visão de mundo particular e essa perspectiva faz com que o indivíduo tenha conflitos internos e por mais que tente, esses obstáculos nunca são totalmente superados.

O pesquisador deve deixar de lado sua cultura, fé, preconceitos para que assim a resposta do que o pesquisador procura chegue com mais certeza. Desse modo, sua carga cultural não pode servir de obstáculo para a conclusão de uma pesquisa. A obra de Bachelard tem a oportunidade de romper com o conjunto de ideias prévio e completo, que se propõe as pesquisas do século XVII, afinal são inúmeras as transformações pelas quais a ciência vem passando, e as relações entre sujeito e objeto a todo momento fazem parte do novo saber científico.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A epistemologia**. Tradução de Fátima Lourenço Godinho e Mário Carmino Oliveira. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2006.

CARDOSO, Walter. Os Obstáculos Epistemológicos, segundo Gaston Bachelard. **Sociedade Brasileira de História da Ciência**, n.1, p. 19-27.1985.

GATTI, Bernardete A. **Algumas considerações sobre procedimentos metodológicos nas pesquisas educacionais**. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2010/02/07.pdf> . Acesso em: 05 set. 2017.

LOPES, Alice Casimiro. **Currículo e epistemologia**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2007. 232p.

Roth, Philip. **Indignação**. Jorio Dauster (trad.) — São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Disponível em: <<http://livrosdoexilado.org/indignacao-philip-roth/>>. Acesso em: 05 set. 2017.